

Félix Monteiro:

UM HOMEM COM H MAIÚSCULO E UM CABO-VERDIANO DE PRIMEIRA
ÁGUA. UM APONTAMENTO (PESSOAL) DE FRANCISCO FRAGOSO, À
GUISA DE SENTIDA HOMENAGEM

Para principiar:

Meu caro Félix Monteiro, eis-nos aqui nesta granítica cidade, outros-
sim, a cidade das sete colinas, um tanto ou quanto, interessante, e, porque não,
de contrastes, que é Lisboa, sumamente emocionado, delineando este estudo
sobre a tua vida e obra, como preito da nossa mais singela e sincera homena-
gem pessoal.

Meu caro, como a mereces. Honra e glória!

De feito, lembrar-te, não é só falar em sabedoria, é outrossim falar de
integridade e modéstia, virtudes tão pouco enaltecidas, infelizmente, nos nos-
sos dias. Aliás, nem sempre o grau de reconhecimento público acompanha o
nível de importância do contributo de cada um para o êxito de uma empresa
colectiva.

Eras, na verdade, um homem de excepção pela solidez de princípios e
conhecimentos. Eras, sim, daquelas pessoas que jamais se contentam em esco-
lher o caminho mais rápido e fácil. Pelo contrário, escolheste ser um estudioso
modesto e eis porque nos legastes uma lúcida e extraordinária contribuição ao
estudo da história, da cultura e da etnologia cabo-verdianas, através dos inú-
meros artigos com que, desde 1932 pontificou a tua erudita colaboração, em
vários jornais e revistas, tanto em Portugal como em Cabo Verde.

O teu conhecimento da história, da etnologia e, porque não, da arqueo-
logia cabo-verdianas era de tal envergadura que não podemos e nem devemos
olvidar a visita à Cidade Velha, guiada magistral e lucidamente por ti. Visita
organizada pelo então Ministério da Educação e Cultura em que estivemos
presente, sendo a convidada de honra a professora Gill Dias. Como nos
deslumbrastes com o teu profundo conhecimento da Ribeira Grande/Cidade

Velha, dando-nos um retrato pormenorizado desta obra-prima – a primeira cidade que os portugueses ergueram nos trópicos e **berço da caboverdianidade**.

Tudo te saía tão fluente, porém num discurso seguro e eloquente. Um momento inesquecível, pois os teus ensinamentos professorados então, um misto de erudição e pragmatismo perdurarão na nossa memória para sempre e, de forma indelével.

E que dizer, ainda, das portas que abristes para a investigação e divulgação de desconhecidos, mas ilustres filhos destas ilhas, como o pintor Simplício Rodrigues de Sá ou o actor comediógrafo António José de Paula.

E outrossim, do teu extraordinário trabalho de recolha e organização de textos de Eugénio Tavares e de investigação sobre a imprensa cabo-verdiana.

Em suma e, numa expressão, da tua fecunda lavra brotou um manancial inesgotável de obras de elevado nível, por isso, mesmo, de interesse indefectível, a toda a prova. Quão importante se reveste no âmbito do panorama literário e intelectual do arquipélago o teu opíparo legado.

Bem haja! E que no Senhor da Vida tenhas o gozo eterno da merecida e justa recompensa.

I. Aquando da nossa estadia em Abril de 2002, na cidade da Praia – ilha de Santiago – Cabo Verde, no âmbito do III Congresso dos Quadros da Diáspora Cabo-verdiana, no palácio da Assembleia Popular, onde decorriam os trabalhos do evento, em conversa informal e amena com o nosso amigo e velho conhecido, Carlos Reis, ele nos informou do estado precário de saúde do nosso grande amigo, Félix Monteiro, com ênfase para a deterioração da sua capacidade mental, a ponto de já não conseguir reconhecer os seus familiares e amigos mais íntimos e chegados, pois uma profunda amnésia o enfermava dolorosa e consumptivamente.

Foi um grande choque para nós, ao mesmo tempo que uma profunda tristeza nos invadira, de forma pungente e comovente. Enfim, são os trâmites da vida, se impondo com toda a sua dinâmica.

A rematar a sua informação, Carlos Reis, nos sugeriu quão necessário se impunha a nossa visita ao Félix Monteiro, então em S. Vicente, onde se encontrava radicado nos últimos anos, para o estimular adequadamente. De facto, segundo Carlos Reis, a presença de amigos íntimos era bastante neces-

sária para o estimular, fazendo-o reagir e voltar a uma vida activa possível, a despeito da enfermidade que o vinha consumindo, a olhos vistos.

Ficamos ainda mais triste, na medida em que por razões óbvias da nossa vida pessoal, não nos ser possível deslocar a S. Vicente, em tempo útil, para dar um grande abraço ao nosso querido e estimado amigo, estimulando-o, de forma eficiente e eficaz, de acordo com a sugestão do Carlos Reis. Vicissitudes da vida e da existência do ser humano. Malhas que o Destino de cada um tece, de forma irredutível.

E eis porque, sem surpresa, passados mais ou menos três meses, ou seja, no dia 15 de Julho de 2002 ao vermos o programa Repórter na RTP África, tomamos conhecimento do seu passamento, na sua cidade natal, Mindelo (S. Vicente – Cabo Verde), com a bela idade de 93 anos, carreando uma existência bem preenchida e bem vivida, deixando como legado ao seu povo e ao seu País uma grande e variegada obra, de índole jornalística, sociológica, antropológica e literária, sem falar da sua elevada missão de funcionário público de primeira água nos Serviços da “Fazenda Pública”, em Cabo Verde cumprida com elevado brilhantismo e profissionalismo. Sim, Félix Monteiro merece, sem favor, o epíteto de **Homem** com H maiúsculo.

De anotar, que foi na cidade da Praia – ilha de Santiago que fez grande parte da sua carreira de funcionário até se reformar em 1979 como Director, cidade por onde continuou por mais alguns anos, ainda, até se transferir definitivamente para a sua cidade natal – Mindelo.

Desde muito cedo, criança ainda que a figura de Félix Monteiro se nos impôs através do nosso pai que nos deu a dimensão de homem completo, humanamente exprimindo.

Estimado e admirado por todos, bondoso, ciente, humano, grande profissional e funcionário capaz de se impor perante todos quantos trabalhavam com ele.

Com o nosso regresso à cidade da Praia, nos anos setenta do século XX, após estudos médicos no estrangeiro, para exercer a nossa profissão no Hospital da Praia (actualmente, Hospital Agostinho Neto), passamos a conviver de perto com o Félix Monteiro, que se tornou nosso paciente e, por outro lado, por razões intelectuais passamos a frequentar a sua residência, aliás, a dois passos da nossa. Enriquecedores momentos, de verdadeira tertúlia cultu-

ral que jamais olvidaremos, por razões assaz óbvias. Numa palavra e expressão, bons e sublimes momentos!

O diálogo enformador dos nossos encontros, bastante regulares, incidia sobre tudo quanto dizia respeito a vida cultural cabo-verdiana que ele conhecia muito bem. Deliciava-nos com os seus aprofundados conhecimentos, transmitindo um conjunto de dados e informações pertinentes, com uma elevada mestria. Ouvi-lo era uma autêntica delícia. Um pedagogo nato na verdadeira acepção da palavra. Onde, tudo que nos transmitia não podia e nem devia cair obviamente em saco roto. Verdade seja dita!

Vale a pena, aqui, abrir um parêntese para trazer à colação uma outra grande personalidade cabo-verdiana – um nosso amigo comum. Estamos a referir ao insigne historiador, o Dr. António Carreira. Entre ambos existia uma cumplicidade intelectual, reforçando uma robusta amizade pessoal. E nós tivemos o ensejo de partilhar desta cumplicidade e, assim, passamos a pertencer aos seus valores intelectuais e culturais, numa pertença segura e permitida, passa a expressão.

Com o Félix, o estarmos então, ambos na Praia, em Cabo Verde, residindo perto um do outro, a convivência era assaz assídua e percuciente, concretamente no segundo lustro dos anos setenta. Através do Félix recebíamos as notícias do Carreira (independentemente da correspondência regular que mantínhamos com o historiador) cujos laços sedimentavam aquando da nossa passagem por Lisboa. De anotar, que nos anos oitenta, em contrapartida, passou a ser o contrário, pois estando nós então a residir em Lisboa perto do Carreira com quem mantínhamos encontros regulares em que sentíamos a presença forte do Félix nas conversas entabuladas. De feito, existia, reiteramos, uma cumplicidade pessoal, intelectual e cultural entre estas duas ilustres personalidades que nos aceitaram como um dos seus, facto de que nos orgulhamos como se pode entender e compreender.

Um dia, ao chegar à residência do Félix na Praia, para mais uma tertúlia, ele com os olhos brilhantes de alegria e felicidade nos deu conta do seguinte episódio que merece ser trazido à colação, dado a sua pertinência.

O Carreira havia enviado (via postal) um artigo para a Revista *Raízes*, que se extraviou e punha-se a questão da revista ficar parada, na medida em que tudo se encontrava pronto para o lançamento da mesma e o artigo do Carreira era importante para o número em apreço.

O Félix, uma vez posto ao corrente do sucedido, entrou, de imediato, em contacto com o Carreira que o tranquilizou, dizendo que não se preocupasse, pois já tinha pronto um outro artigo do mesmo teor que iria substituir o extraviado. Assim, o incidente foi sanado, em tempo útil.

O Félix rematou o relato do episódio com esta exclamação (com um misto de orgulho e amizade pessoal). Sabes, Fragoso, o nosso Carreira é uma autêntica máquina de fabricar artigos e, sublinhe-se, sempre, de bom nível. A felicidade do Félix era contagiante, pois todo ele vibrava com a prontidão do Carreira.

II. Aprofundando ainda mais, o brilhante percurso de homem, de profissional e de grande estudioso e investigador da cultura do País-Arquipélago, vamos na pegada e esteira do nosso amigo Arnaldo França, com quem comungamos criticamente, apresentar, em pinceladas robustas os aspectos fundamentais da sua vida e obra, quão rica e prenhe de futuro. Um autêntico monumento!

Então vejamos:

Principiou a sua actividade laboral como professor de ensino primário. De anotar que, à margem das obrigações profissionais de docência, se dedicava ainda, utilizando os seus conhecimentos musicais, a ilustrar, com os alunos, textos de livros escolares. Estes conhecimentos musicais adquiridos com o mestre José Alves dos Reis foram patenteados ao público em um concerto de violino e piano com trechos de música clássica em colaboração com a professora Alda Madeira, ao tempo, os melhores alunos do mestre Reis. Neste particular da questão da música, vale a pena consignar aqui uma conversa que tivemos sobre esta problemática cultural em que veio, à baila, a sua cuidada educação musical obtida na escola do mestre José Reis. Outrossim, falamos das suas preferências neste âmbito e, bem assim, do instrumento musical da sua preferência que era o violino que, por sinal, era um promissor executante.

Outra actuação, contemporânea da sua docência, foi a sua forma apaixonada e reveladora da sua condição cabo-verdiana, quando intervém na polémica à volta do uso do crioulo e do desejo de alguns da sua extinção. Aliás, para além de todos os juízos negativos que o crioulo vinha merecendo enselvajador há mais de cem anos, um diploma legal do Governo de Cabo Verde, de

1920, proibia o seu uso nas escolas, sob pena de desobediência, com as consequências disciplinares que acarretaria. Félix Monteiro, desafiando a sua condição oficial de professor, pronuncia-se publicamente, por duas vezes, sem qualquer fundamentalismo contrário à língua portuguesa, em defesa do idioma que é um dos elementos caracterizadores da cultura cabo-verdiana.

Considerando-se “o mais humilde, mas o mais intransigente defensor do crioulo”, assevera com firmeza e convicção: “Basta de pregar contra o crioulo! Nenhum cabo-verdiano, que se preze de o ser, amante de tudo quanto seja lidimamente cabo-verdiano, é capaz de desprezar o crioulo”. Interessante consignar que o seu texto precedeu de quatro meses a célebre conferência proferida na Praia em defesa do crioulo por esta outra figura de proa das ilhas, que, na verdade, foi e é, aliás, Pedro Cardoso.

Viria a abraçar, após o magistério primário, a carreira da função pública, nas Finanças, que só abandonaria por força do limite legal de idade. Calcorreou diversos concelhos naquela vida errante, com todos os constrangimentos, desde os problemas que se prendem com a educação dos filhos, à erosão dos bens imobiliários e à redução do acervo das suas bibliotecas.

Porém, existe, outrossim, nestas andanças, um **lado positivo**, para quem o saiba explorar, ou seja, o conhecimento enriquecedor de outros meios. No caso concreto do nosso homenageado apraz registar, quão significativo e produtivo representou a sua permanência no Fogo e na Praia.

Félix Monteiro tornou-se um símbolo paradigmático da sua competência e da firmeza de carácter no vasto leque da função pública cabo-verdiana.

De filho preso ao chão maternal, aqui se realizou outrossim na área da história e da antropologia cabo-verdianas, colhendo os louros frente dos quais os bens materiais se secundarizam.

Funcionário rigorosíssimo, atento a todos os cambalachos que não conseguiam transpor a forte barreira do seu saber e da sua isenção de procedimento; indiferente às categorias que titulavam pretensões porque só a legalidade destas mereciam a sua atenção; companheiro de trabalho admirado e estimado pela lhaneza do seu trato e pela superação de burocracias inúteis, Félix Monteiro deixou um nome no funcionalismo cabo-verdiano.

ra, do folclore entendido como ciência” passam a ser publicados, indo ao encontro do desejo e aspiração de Baltazar Lopes, sendo a contribuição de Félix Monteiro das mais preciosas.

Publicado em dois números da revista, respectivamente o n.º 6 (Julho de 1948) e o n.º 7 (Dezembro de 1949), o seu interessante ensaio sobre a Tabanca é de uma lucidez impressionante. No primeiro número descreve o conjunto dos festejos característicos da Tabanca primitiva e, no segundo, trata do sincretismo religioso da manifestação.

Originariamente designativo de povoação, que terá congregado, de início, escravos da mesma etnia, comungando dos mesmos usos e costumes, a expressão alargou-se em consequência das diversidades de origem dos *stocks* do tráfego de escravos que precisavam, aliás, de um sentimento objectivo de coesão social, e de conservação do que era comum nas suas culturas.

Importante salientar que Félix Monteiro, com uma profundidade, que não é alheia o conhecimento das doutrinas freudianas e dos estudos sobre a cultura negro-africana no Brasil, delinea uma análise do sincretismo da manifestação, face ao encontro das religiões afro-negras com a religião católica, a manifestar-se logo na época do solstício de Verão.

A sua estadia na ilha do Fogo proporcionou-lhe o ensejo para a observação e o estudo de fenómenos ímpares, sob certos aspectos, no conjunto da comunidade das ilhas.

A estratificação social nesta ilha, em que a cor da pele foi elemento condicionante, pelo menos até ao final do primeiro quartear do século XX, ilustra a singularidade de uma situação colonial em que o colonizador é na sua quase totalidade natural da própria ilha.

De feito, um dos melhores ensaios de Félix Monteiro, “Bandeiras da Ilha do Fogo” (*Claridade* n.º 8 – Maio de 1958), descreve-nos uma das *festas mais populares da ilha, cuja procedência facilmente se pode atribuir ao colonizador português, cujos torneios de cavalaria Medieval eram prestigiosos na Península Ibérica à época da ocupação do Arquipélago, que pela sua evolução traduz a mestiçagem cultural reinante em Cabo Verde.*

Trata-se, com efeito, de um estudo que responde à preocupação da necessidade de se preservar todas as manifestações folclóricas em risco de se

perder, sem deixar, porém, rastros e vestígios. Facto que não deixa de ser confrangedor se se consumir.

A recolha de “Cantigas da Ana Procópio” e o lúcido estudo que lhes consagrou (*Claridade* n.º 9 – Dezembro de 1960) é, mais um do seu zelo em não deixar quebrar elos da cadeia ilustradora do nosso viver colectivo.

Mais para além do estudo e vulgarização do folclore de uma das nossas ilhas, o seu ensaio “Cantigas de Ana Procópio” tem um valor sociológico de suma importância. *A realidade do Fogo recebe o cunho da veracidade de uma anónima contadeira, sem instrução, que em trechos poéticos, alguns de muita beleza, nos permite acompanhar o evoluir de uma sociedade que o tempo foi transformando.*

Na revista *Raízes* apresentou textos críticos sobre a “Migrações nas ilhas de Cabo Verde”, de António Carreira e a “os Rebelados da Ilha de Santiago”, de Júlio Monteiro e, outrossim, a dois relatórios, um inédito datado de 1830 sobre a ilha do Maio e um outro de 1877 sobre S. Vicente.

E através de *Artilhetra* (aliás, um dos seus fundadores), revelou dados valiosos sobre “Séculos de contactos com Americanos”, recolhidos em diversos arquivos e bibliotecas dos Estados Unidos no intuito de esclarecer o nosso público.

Deve-se à dedicação de Félix Monteiro, ainda o esforço e o cansaço de uma busca, por almanaques e jornais de raros exemplares, a recuperação da produção poética de Guilherme Dantas, um poeta do século XIX que não receia o confronto com muitos poetas do ultra-romantismo português. De feito, a persistência do seu esforço permitiu que a quase totalidade da obra poética de Guilherme Dantas estivesse hoje recolhida em livro e que três volumes da larga colaboração poética, ficcionista e jornalística tenha dado a conhecer ao público cabo-verdiano a estatura literária de um escritor da craveira de Eugénio Tavares.

Enfim, o conhecimento pertinente da imprensa privada cabo-verdiana, cujo o primeiro órgão se publicou em 1877 é, outrossim, o produto de uma aturada e persistente investigação de Félix Monteiro.

Tudo isto é, na verdade, **Obra!**

A título de remate, nesta homenagem em que todos comungamos de
388 corpo e alma, tentar recordar, conquanto, em pinceladas breves, o que foi o

papel desempenhado por Félix Monteiro na sociedade cabo-verdiana, assume importância relevante se se atentar nos exemplos que testemunham, com efeito, a grandeza do homem, a integridade do funcionário, o estudioso de aspectos decisivos da identidade cultural do homem cabo-verdiano, o investigador probo que salvou do esquecimento testemunhos preciosos do nosso viver comum.

Bem-haja, uma vez mais, Félix Monteiro por tudo quanto de bom e positivo destes ao nosso povo, colocando, com denodo e determinação, mais uma perdurável e indelével **Pedra Viva** no nobre monumento da robusta e viva **Cultura** das ilhas.

Lisboa, 07 de Março de 2003

Francisco Fragoso